



Globo Repórter: Estudo de Recepção sobre a realidade moçambicana e a AIESEC¹

Mônica Oliveira Ramos BANDEIRA²
Sílvia Meirelles LEITE³
Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS.

Resumo

O presente artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Globo Repórter e Moçambique: um Estudo de Recepção com os membros da AIESEC”. O objetivo é analisar o que os membros da AIESEC comentam a respeito da realidade mostrada no programa. O trabalho apresenta o histórico da criação do Globo Repórter, através de Guilherme Rezende (2000). O principal referencial teórico para elaboração deste trabalho é Jesús Martín-Barbero (1997), por meio de seu conceito de “mediações” nos Estudos de Recepção. Desta forma, foi realizado um estudo de recepção com seis membros da AIESEC através de entrevistas. Concluindo-se que, apesar do programa apresentar características importantes sobre o país, ele apresenta uma abordagem pessimista sobre o modo de vida do país.

Palavras-chave

Estudo de Recepção; Globo Repórter; Televisão; Moçambique; AIESEC.

1. ENTRE OCEANOS

A televisão é um dos meios de comunicação de massa de maior alcance, tanto no Brasil como no mundo. Desta forma, a população, através das mensagens televisivas, recebe informações a respeito de diversos assuntos. Apesar disso, uma mesma informação pode ser repassada ao público de várias formas. Isso se deve ao fato de que qualquer mensagem possui signos que ao serem decodificados podem ter significados diferentes.

Sendo assim, escolheu-se explorar o estudo de recepção acerca do programa Globo Repórter sobre Moçambique na Rede Globo, “Moçambique, uma África que fala português”. O programa foi ao ar na televisão brasileira no dia 2 de agosto de 2013 e teve como proposta mostrar o país, seu povo, sua cultura e suas paisagens. O trabalho de campo desta pesquisa iniciou-se em outubro de 2013, quando a pesquisadora realizou um intercâmbio, durante 90 dias, em Maputo, capital de Moçambique, ao sul da África.

¹ Trabalho apresentado no DT 5 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de maio de 2014.

² Bacharel em Jornalismo na Universidade Federal de Pelotas, email: monicabandeira@outlook.com

³ Orientadora do artigo, doutora em Informática na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PGIE/UFRGS), docente do Centro de Educação a Distância da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), email: silviameirelles@gmail.com



A pesquisadora teve a oportunidade de se inserir no campo de pesquisa quando realizou uma missão de estudos, através da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), em parceria com a Associação de Universidade de Língua Portuguesa (AULP) no Projeto TEDUCA⁴, no período de 21 de setembro a 21 de dezembro de 2013.

Buscou-se encontrar um grupo que soubesse reconhecer as potencialidades de seu país e que estivessem inseridos em algum programa que visasse mostrar Moçambique ao mundo. Assim conheceu-se a Associação Internacional de Estudantes de Ciências Econômicas e Comerciais (AIESEC), uma organização internacional de jovens universitários, gerida por seus membros, sem fins lucrativos e não partidária. Atualmente, o significado da sigla não condiz mais com os objetivos da organização, já que a mesma agrega jovens de diversas áreas, não somente das ciências econômicas e comerciais. Atualmente a organização está presente em 113 países, como Brasil, Portugal e Moçambique.

Para a elaboração deste artigo foi realizado um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Globo Repórter e Moçambique: um Estudo de Recepção com os membros da AIESEC”. Desta forma o problema de pesquisa deste artigo é saber qual a opinião dos membros da AIESEC a respeito da realidade mostrada no programa Globo Repórter sobre Moçambique. Assim, o objetivo deste trabalho é analisar o que os membros da AIESEC comentam a respeito da realidade mostrada no programa Globo Repórter sobre Moçambique.

Através das entrevistas, visa-se identificar as relações estabelecidas entre o que foi tratado no programa e o contexto onde se encontram os membros da AIESEC que serão entrevistados. Para a realização deste trabalho buscou-se aporte teórico-metodológico no Estudo de Recepção. O conceito de mediações proposto por Jesús Martín-Barbero (1997) no livro *De los medios a las mediaciones*, assim como seu mapa noturno sobre as mediações, constituem o principal referencial teórico. Neste mapa, Martín-Barbero apontava para três lugares onde as mediações ocorriam: a cotidianidade familiar, a competência cultural e a temporalidade social.

⁴ O Projeto TEDUCA (Tecnologias Educacionais Digitais: Cooperação Transnacional e Interinstitucional na Produção de Conhecimentos em Educação e Formação de Professores) é desenvolvido pela Universidade Federal de Pelotas, através da Faculdade de Educação, em parceria com a Universidade Eduardo Mondlane, de Maputo, Moçambique. O Projeto é financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), através do edital 33/2012.



Este trabalho busca trazer importantes contribuições para o campo de pesquisa dos Estudos de Recepção, principalmente por se referir ao Globo Repórter, tema não muito abordado nesta área de estudo. Além disso, oportuniza conhecer as percepções dos moçambicanos acerca de produtos midiáticos que utilizam o seu país como temática.

2. GLOBO REPÓRTER

O “Globo Repórter” é um programa jornalístico lançado em 1973, na Rede Globo. Na época de sua criação, sua linguagem era de documentário, ele era apresentado nas noites de terça-feira e era mensal. Além disso, o programa era uma substituição do “Globo Shell Especial”, criado em 1971, que apresentava mensalmente documentários sobre o Brasil. (PIMENTEL, 2006).

Segundo Jorge Pontual (1995), o programa começou a ir ao ar em março de 1973, durava quarenta minutos e apresentava reportagens sobre apenas um tema. Embora no site institucional da Rede Globo (2014), a data de criação seja de três de abril de 1973. Em outubro do mesmo ano, o “Globo Repórter” passa a ser semanal e é veiculado no horário nobre, logo após a novela das oito, às nove horas da noite, horário de Brasília.

Entretanto, Pimentel (2006) afirma que o “Globo Repórter”, inicialmente, era apresentado às onze horas das noites, nas sextas-feiras, mas, graças a sua audiência, ele mudou para as terças-feiras, às nove horas da noite, logo após a novela das oito. Esta mudança de horário resultou em mudanças de formato:

A direção da emissora passou a cobrar dos diretores/cineastas uma abordagem de temas mais ligados a esta audiência, segundo a concepção que eles tinham de quem seria, supostamente o telespectador da novela das oito e quais seriam suas preferências, na tentativa de obter mais lucros com o programa. (PIMENTEL, 2006, p. 19).

Pontual (1995) destaca que, nessa época, a equipe do “Globo Repórter” era composta por pessoas provenientes do cinema (não havia repórteres, apesar do nome do programa), como Paulo Gil Soares, Luís Lobo, Walter Lima Júnior, Fernando Pacheco Jordão, João Batista de Andrade, entre outros. Estes cineastas eram responsáveis por pesquisar e gravar um tema, o que demorava alguns meses. Após esse tempo, eles eram avaliados e depois narrados por Sérgio Chapelin, proveniente do “Globo Shell Especial”, sendo que o repórter nunca aparecia no vídeo, nessa época.



Para Pimentel (2006, p.17), muitos destes cineastas eram “considerados de esquerda, o que explica o forte conteúdo político das temáticas abordadas, de crítica ao regime ditatorial, às desigualdades sociais, assuntos polêmicos em geral”. Além disso, a autora destaca que diversos filmes criados nesta época não puderam ser veiculados, devido à censura.

Ramos (2008) se questiona com relação ao programa “Globo Repórter”, isto é, pergunta-se se o conteúdo apresentado é documentário ou reportagem. Ele destaca que, do seu início até 1982, o programa dava espaço para a questão autoral, uma característica do documentário. Ele conclui que o “Globo Repórter”, em sua primeira fase, entre 1973 e 1982, apresentava reportagens com a narrativa de filmes documentários. Após essa primeira fase constata-se que:

A produção documentária do ‘Globo Repórter’ deixa progressivamente de lado o formato fílmico e sua unidade, para aproximar-se, cada vez mais, do formato reportagem, conforme se configura, atualmente, no programa ‘Globo Repórter’, próximo das formas do telejornal. O Globo Repórter tornou-se hoje um programa de variedades, no formato da reportagem de telejornal, com diferenças nítidas com relação à forma documentária dominante até 1982. (RAMOS, 2008, p. 61).

Pontual destaca que, em 1982, o “Globo Repórter” começa a apresentar quatro temas por programa e não apenas um. Além disso, passa para os domingos à noite, o que faz a audiência cair e o programa sair do ar por um tempo. O seu retorno foi em setembro de 1983 com um novo formato, semelhante ao atual, abandonando o estilo documentário, passando a utilizar apenas a sua linguagem, e investindo nas reportagens.

Por outro lado, Pimentel (2006) afirma que, em 1983, o programa sofreu algumas alterações na equipe e no formato, tornando-se um programa mais jornalístico com grandes reportagens. A autora destaca que a censura nesta época era menor do que quando o programa foi criado, entretanto, as restrições impostas pela Rede Globo aumentaram a partir de 1983. “Os documentários exibidos pelo Programa na sua fase inicial representam formas diferenciadas de retratar o Brasil da época” (PIMENTEL, 2006, p. 20).

O ‘Globo Repórter’ pode ser considerado um marco no telejornalismo investigativo, com imagens e edições bem tratadas, textos e acabamento de produção bem cuidados. O programa especializou-se em aprofundar temas de interesse geral, principalmente os ligados à aventura, comportamento, ciência, saúde, história, pesquisa, futuro, documento e arte, ao nível do debate, interpretação e opinião. (REDE GLOBO, 2014).

Ao longo dos anos, o formato do programa mudou, temas como violência, discussões políticas, miséria, etc., saíram da pauta, dando lugar a temas de variedades.



Atualmente, o “Globo Repórter” vai ao ar todas as sextas-feiras, às dez horas e trinta minutos da noite, apresentando um tema por programa, com diversas entrevistas. Ainda é apresentado por Sérgio Chapelin, sendo que, algumas vezes, a repórter Glória Maria (presente no Programa desde 2010), o substitui. Escolheu-se analisar o Globo Repórter por estar presente tanto no Brasil quanto em Moçambique.

3. ESTUDO DE RECEPÇÃO

Os estudos relativos à audiência surgiram, no Brasil, antes mesmo do surgimento da televisão. A forma como os meios de comunicação de massa influenciam a sociedade, o modo como o receptor recebe a mensagem e como a interpreta fazem parte destes estudos. Esta pesquisa visa analisar como o receptor recebe uma mensagem e como a interpreta, levando em consideração seu modo de vida e contexto social.

Antes da década de 70, os estudos a respeito dos meios de comunicação analisavam apenas os textos veiculados, somente na década seguinte as análises começaram a levar em consideração a audiência. “Tais estudos de audiências começam a ser desenvolvidos como uma tentativa de verificar empiricamente tanto as diversas leituras ideológicas construídas pelos próprios pesquisadores quanto às posições assumidas pelo receptor”. (ESCOSTEGUY, 2006, p.7).

Segundo Mendes (2006 p.56), Hall acreditava que o processo comunicativo e a produção cultural fazem parte da estrutura que deve ser considerada no processo de codificação e decodificação, apesar destes últimos serem recíprocos, esses são momentos distintos. Este modelo de codificação-decodificação foi a primeira forma de estudo de recepção, em que era analisado a ideologia da mensagem e o seu formato, principalmente nas mensagens televisivas.

Quando a mensagem está a ser construída, o produtor utiliza-se de recursos para que a mesma seja exposta ao espectador com as ideologias presentes. Assim, um dos recursos utilizados é a utilização de signos presentes nas mensagens, produzidas para que o receptor as receba da maneira “certa”, isto é, para que o indivíduo absorva-a da forma que o meio de comunicação deseja.

Já na decodificação, ou seja, quando o receptor recebe a mensagem, absorve as informações e as utiliza; o indivíduo produz sentidos que não serão iguais para os demais que receberam a mensagem. A mensagem decodificada produz muitos sentidos que geram efeito no indivíduo.



Desta forma, analisa-se que uma mesma informação pode ser passada a população de diversas maneiras, dependendo da ideologia que cada meio de comunicação possui. Segundo Escosteguy (2010), uma das funções dos meios de comunicação é mostrar a população como diferentes grupos e classes sociais vivem, se relacionam, etc. “Na perspectiva de Hall, os meios de comunicação *definem*, não simplesmente *reproduzem*, a ‘realidade’”. (ESCOSTEGUY, 2010, p. 68).

Com isso, através de suas produções, sejam televisivas, radiofônicas, impressas, entre outros formatos jornalísticos, os meios de comunicação passam à população sua visão de mundo e não, necessariamente, a realidade. Através dos conceitos desenvolvidos por Hall, nota-se que há diferentes formas de codificação e decodificação. Além disso, percebe-se que elas dependem das experiências vividas, estruturas sociais e culturais do receptor.

Segundo Escosteguy (2010, p.69), “os significados são, então, uma produção social; resultam de uma prática social; considerando o pressuposto que o sentido é produzido e não dado, diferentes significados podem ser creditados para os mesmos eventos”. Aos poucos, os estudos de recepção vão ganhando forma e novas maneiras de análise são incorporadas. Uma delas é a utilização de buscas combinadas com análise de audiência e textos, que são aplicadas a programas televisivos, literatura popular, filmes, etc.

Um dos pesquisadores mais influentes dos Estudos de Recepção Latino Americanos é Jesús Martín-Barbero. A inserção das mediações nos Estudos de Recepção ocorreu através deste pesquisador na década de 80. As suas ideias, a respeito de um estudo de recepção que levasse em consideração as mediações, estão presentes no livro *De los medios a las mediaciones*, publicado em 1987.

Segundo Dantas (2008), nesta obra o autor rejeita as ideias propostas pela Escola de Frankfurt⁵, por elas não levarem em consideração as mediações no processo do estudo de recepção. Assim, Martín-Barbero muda o foco destas pesquisas para as mediações culturais.

Martín-Barbero acredita que as pessoas reinterpretem o que leem, ouvem ou veem tendo por base conhecimentos próprios os quais são influenciados pelo bairro em que elas moram, pela escola, local de trabalho, associações das quais fazem parte, religião, o que significa dizer que há interferência de diversos fatores sociais, culturais, políticos e educacionais no processo comunicacional, ou seja, de mediações. (DONINI, 2012, p.4).

⁵ Segundo Dantas (2008, p.3) “a Escola de Frankfurt aponta as Indústrias Culturais como uma ferramenta inexorável de controle social, manipuladora da consciência das massas”.



Mendes define mediação como “um filtro que opera social e culturalmente, implicando diferentes construções de sentidos a partir de determinações socioculturais” (2006, p.61). Assim, pode se considerar mediações como as interferências ou intervenções que ocorrem no momento em que a pessoa recebe a mensagem, seja por meio visual, escrito ou auditivo. Neste modelo de Martín-Barbero (1997), a recepção midiática é um processo de interação entre o emissor e receptor.

Desta forma, a mensagem enviada pode ser interpretada de diversas maneiras e, é a partir desse momento, que as mediações entram na pesquisa e as experiências do receptor tornam-se o foco. Sendo assim, enquanto os Estudos Culturais creem que a mensagem atinge o receptor da maneira que o emissor deseja, para Martín-Barbero o receptor sofre interferências quando recebe a mensagem, seja através de suas experiências, sua religião, da realidade a qual está presente, do modo vida, etc.

Em seu primeiro livro, escrito em 1987, Martín-Barbero aponta o “mapa noturno” das mediações. Neste mapa, Martín-Barbero considera três espaços para as mediações: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural.

Martín-Barbero (2003) destaca que o fato de televisão ter a família como unidade básica de audiência é porque ela representa para a maioria das pessoas situação primordial de reconhecimento (grifo do autor). Ainda segundo ele, a mediação cotidianidade familiar em relação à televisão não está limitada ao âmbito da recepção, mas está inserida no próprio discurso do meio. Esse último aspecto se evidencia se considerarmos a proximidade, simulação de contato, que o veículo procura estabelecer com o telespectador. Quanto à temporalidade social, ele considera que o tempo cotidiano é fragmentado, repetitivo, e se opõe ao tempo produtivo, o qual é medido. Sobre a competência cultural, ela pode ser interpretada como conhecimentos adquiridos pelos indivíduos, além da educação formal, por meio da cultura étnica, de bairros, enfim, conteúdos adquiridos pelas pessoas das mais variadas formas ao longo de suas vidas. (DONINI, 2012, p.5).

Assim, estes três espaços para as mediações auxiliam o pesquisador a capturar a percepção dos entrevistados, de acordo com o contexto social, econômico e cultural no qual eles estão inseridos. A mensagem enviada pelo meio de comunicação pode ser interpretada de diversas maneiras pelo público. A forma como o público reage e interpreta a mensagem é consequência das mediações feitas. Isto é, o local onde o sujeito encontra-se, a sua competência cultural, seu estilo de vida, seu contexto social, são responsáveis pela forma como a mensagem é interpretada por ele.

Através do mapa das mediações, proposto por Martín-Barbero, o pesquisador irá analisar a forma como os sujeitos da pesquisa recebem a informação. Sendo assim, o conceito sobre os três lugares das mediações é essencial para o desenvolvimento da pesquisa e análise dos resultados obtidos.



4. PERCURSO METODOLÓGICO

Os questionamentos e as observações que motivaram esta pesquisa iniciaram antes do período em que o pesquisador esteve presente em Moçambique. Em agosto de 2013, foi veiculado no “Globo Repórter”, da Rede Globo, um programa intitulado “Moçambique: uma África que fala português”, o que motivou o pesquisador a trabalhar nesta temática.

Ao chegar a Moçambique, o pesquisador questionou-se em relação aos dados veiculados no programa e a forma como a população moçambicana os receberia. Assim, buscou subsídios no Estudo de Recepção para analisar se o contexto social dos entrevistados condizia com a realidade, mostrada no programa “Globo Repórter”, sobre Moçambique. Foram realizadas entrevistas com jovens moçambicanos de 18 a 25 anos, residentes em Maputo, capital de Moçambique. Desta forma, o pesquisador visava analisar o que os membros da AIESEC de Moçambique comentavam sobre o programa “Globo Repórter” em específico.

Moçambique é um país localizado no sul do continente africano, “segundo as últimas estatísticas, a população total está estimada em 20.366.795 de habitantes, 30% dos quais vivem nos principais centros urbanos, como sejam Maputo, Beira e Nampula” (MOÇAMBIQUE 35, 2010, p.55). Uma característica forte com relação à população moçambicana é a vasta quantidade de etnias, desde pessoas provenientes do centro da África, como os povos Bantu, até árabes, indianos, europeus e latino-americanos. A presença de brasileiros no país tem feito com que a economia cresça, desde a chegada da empresa Vale do Rio Doce.

Os povos Bantu são um grupo formado por diferentes pessoas de diversas etnias e línguas, como os Yaos, os Macuas, os Angones, os Nhanjas, os Swahili, os Macondes, entre outros; eles vivem em diversas partes, desde o sul até o norte do país. Os Swahilis vivem junto à costa do país e possuem uma grande influência com relação a introdução do Islão em Moçambique. Já os Macondes vivem ao norte e são famosos pelas suas obras talhadas em pau-preto. A cultura de Moçambique também é conhecida fora do país, através da literatura, representada pela figura do escritor Mia Couto, autor de livros como: *Cada homem uma raça* (1990), *A confissão da leoa* (2012), entre outros.

Para a realização das entrevistas, a pesquisadora entrou em contato com a Associação Internacional de Estudantes de Ciências Econômicas e Comerciais (AIESEC) da cidade de Maputo. Esta instituição é uma organização não partidária, sem



fins lucrativos, composta por jovens universitários e recém-formados. Assim, a AIESEC apresenta-se como um importante meio que possibilita mostrar ao mundo as potencialidades do povo moçambicano, através de intercâmbios destes jovens para diversos continentes, como Europa, América do Norte, Central e do Sul.

Escolheu-se entrevistar membros desta organização devido ao objetivo da AIESEC, que é o de proporcionar aos membros, e aos intercambistas, novas experiências no país. Isto é, por se tratar de um grupo de jovens universitários que, além de exercerem atividades voluntárias em seu país, mostram para outros jovens como é viver em Moçambique. Foram entrevistados seis membros da AIESEC, dentre eles duas mulheres e quatro homens, como pode ser conferido na Tabela 1.

Tabela 1 - Relação de Entrevistados da AIESEC

Nome	Idade	Cidade Natal	Curso	Ano de ingresso na AIESEC
S.C.	22 anos	Maputo	Engenharia Ambiental	2012
A.C.	24 anos	Maputo	Engenharia Mecânica Naval	2012
J.A.	22 anos	Maputo	Sociologia	2011
M.B.	19 anos	Beira	Engenharia Informática	2011
A.N.	22 anos	Vilankulos	Economia	2012
A.D.	21 anos	Maputo	Engenharia Informática	2012

Para a coleta de dados, foi elaborado um roteiro de perguntas. A partir disto, realizou-se uma entrevista piloto, isto é, aplicou a exibição do vídeo, juntamente com o questionário, a uma estudante do curso técnico de enfermagem, como forma de observação das perguntas. Após, foi possível analisar se as perguntas eram claras, se o entrevistado conseguia assistir ao vídeo sem pausas, e se a linguagem, tanto do vídeo quanto das perguntas, era simples.

Primeiramente, a pesquisadora entrou em contato com um dos membros da organização e explicou os procedimentos da pesquisa. Ela encaminhou um e-mail aos membros, convidando-os a participar da pesquisa, e, após isso, entrou em contato com os membros que mostraram interesse em participar, marcando as entrevistas.

Encerrada esta primeira etapa, os sujeitos da pesquisa assistiram ao programa “Globo Repórter” sobre Moçambique, em duplas, e então responderam um questionário. “As entrevistas em profundidade são geralmente individuais, embora seja possível, por exemplo, entrevistar duas fontes em conjunto” (DUARTE, 2011, p.64). A coleta de dados foi realizada na casa da pesquisadora, em Maputo, e, durante a exibição do vídeo, pode-se observar as reações dos entrevistados e se houve interação entre eles durante a visualização do vídeo.



O programa do “Globo Repórter” intitulado “Moçambique, uma África que fala português” foi exibido na televisão brasileira no dia 2 de agosto de 2013. Além disso, o vídeo, que possui 45 minutos, trata-se de uma coprodução com a RPC TV (afiliada paranaense da Rede Globo), apresentado por Glória Maria, tendo como repórter Dulcinéia Novaes.

A entrevista aplicada continha perguntas relativas ao programa e também outras questões que faziam relação com a realidade na qual eles vivem e sobre o que foi mostrado no vídeo.

Após a exibição do vídeo, cada entrevistado falava seu nome e dados pessoais, como idade, cidade de nascimento e curso. Além disso, as entrevistas foram gravadas em vídeo com autorização dos entrevistados. Em sequência, foram feitas as perguntas, em que cada um tinha o seu momento de falar, apesar disso, não havia restrições com relação à interação entre a fala de um entrevistado com a do outro. Após a realização das perguntas, questionava-se os entrevistados sobre mais alguma colocação a respeito do vídeo ou da pesquisa.

5. ANÁLISE DOS DADOS

O programa trata de assuntos relativos à cultura, paisagens e modo de vida da população moçambicana. A repórter visitou pontos turísticos mostrou um pouco sobre a realidade do povo, principalmente do centro do país, como em Beira e Vilankulos. O telespectador pôde conhecer um pouco sobre a qualidade de vida, hábitos culturais, situação econômica e programas que visam melhorar o modo de vida no país.

Durante a exibição do programa para os entrevistados, o pesquisador realizou algumas anotações com relação às reações dos entrevistados. A primeira entrevista aconteceu no dia 14 de dezembro de 2013, com os a estudante de engenharia ambiental S.C., de 22 anos, e o estudante de engenharia mecânica naval A.C., de 24 anos. Logo no começo do vídeo, foi possível perceber que os entrevistados concordavam com os dados mostrados no vídeo.

Já J.A., de 22 anos, e M.B., de 19 anos, foram a segunda dupla a ser entrevistada no dia 18 de dezembro de 2013. Durante todo o programa questionavam a origem dos dados, além disso, várias vezes perguntavam sobre qual cidade ou província o vídeo estava retratando. No dia 19 de dezembro de 2013, os membros A.D., de 21 anos, e



A.N., de 22 anos, foram entrevistados, entretanto, não mostraram reação nenhuma durante a exibição.

Após a exibição do programa, cada entrevistado informava seu nome, idade, cidade em que nasceu, quando entrou na AIESEC e sua função na entidade, além do curso de graduação. As demais questões abordadas no roteiro das entrevistas tinham relação com o contexto social na qual os entrevistados estavam inseridos, assim foi possível identificar relações entre o que foi veiculado no programa e o contexto social de cada um. Neste trabalho foi realizado um recorte, desta forma será analisada somente a pergunta relativa a realidade do povo Moçambicano. A partir do mapa das mediações, proposto por Martín-Barbero, o pesquisador analisou e identificou quais mediações estavam presentes nas respostas.

Os seis entrevistados responderam de forma parecida, quando foram questionados se o que foi mostrado no programa faz parte da realidade do moçambicano. O estudante de engenharia mecânica naval, A.C., não considera a primeira parte da reportagem⁶ como uma realidade do moçambicano. “[...] *A última parte faz parte da realidade sim, onde mostram aquelas senhoras a trabalhar, mostram os jovens a fazer isso, aqueles programas naquelas comunidades com aquelas pessoas que tentam ajudar outras pessoas a superarem algumas dificuldades. Aquilo faz parte do dia-a-dia do moçambicano.*”

Os estudantes A.D. e A.N. também acreditam que o que foi veiculado no programa faz parte de uma parcela da população. “*Faz parte sim, mas como dizíamos, faz parte [da realidade] de uma parte das pessoas*”, afirmou A.D.. Já A.N. relacionou o conteúdo do vídeo com a realidade em que ele viveu na sua cidade natal, “*as estatísticas dizem que a maior parte da população moçambicana está nas zonas rurais e nas cidades está apenas um terço⁷; isso é realidade de parte dos moçambicanos e mesmo os que estão nas zonas rurais, falando de Vilankulos, onde eu nasci. Então algumas coisas que cá mostraram não são realidade do modo de viver de parte ou da metade das pessoas de Vilankulos; é realidade de parte da população*”.

J.C., de 22 anos afirma que o que foi mostrado é a realidade de uma parte da população, mas “*eles não falaram, não mostraram a outra parte de Moçambique.*”

⁶ O entrevistado refere-se à primeira parte do programa “Globo Repórter”, como quando a repórter mostra as belezas naturais do Arquipélago de Bazaruto, além de expor ao telespectador a sofisticação dos hotéis presentes na ilha e os programas de preservação da fauna no local.

⁷ Dados estatísticos presentes no capítulo “Procedimento Metodológicos”, no subcapítulo “Contexto da Pesquisa”.



Aquela é somente uma parte. Por exemplo, eu nunca vi a realidade das minas, eu não tenho falta d'água, eu não acho que aqui na cidade de Maputo tenha um médico para toda a cidade, Maputo tem vários hospitais. Então eles só mostraram uma parte da realidade do povo moçambicano e não a outra". O estudante de engenharia informática, M.B., complementa, dizendo que *"não se trata de uma ou duas realidades, se trata de muitos cenários, creio que o documentário estava mais focado para um só aspecto e deixou de lado muitos outros"*.

Através das respostas de J.C. e M.B. é possível perceber que o contexto social no qual eles se encontram é diferente dos outros quatro entrevistados que afirmaram que a falta de médicos é uma realidade de Moçambique. Bourdieu (1997, p.23) afirma que *"a televisão tem uma espécie de monopólio de fato sobre a formação das cabeças de uma parcela muito importante da população"*.

A televisão tem um poder de criar realidades através do que é veiculado, principalmente quando algo não é mostrado em detrimento de outra informação a ser veiculada, o telespectador absorve muitas vezes sem questionar-se. Quando um programa tenta passar para o público a realidade de um grupo ou local, ele muitas vezes não consegue mostrar com profundidade a essência do tema. Assim, o público cria estereótipos como os descritos pelos entrevistados.

5.1. Análise dos resultados

Através das entrevistas, percebe-se que o contexto social de cada entrevistado era diferente. Enquanto alguns estudantes confirmavam que, certos aspectos da realidade de Moçambique, retratados no vídeo, fazem parte do seu dia-a-dia; outros asseguravam que tudo que foi apresentado no "Globo Repórter" era novidade para eles. Enquanto uns aprenderam com a reportagem, outros questionaram o que estava sendo veiculado.

Muitas vezes, a pesquisadora recebeu respostas diferentes daquelas que ela esperava, o que resulta em uma das consequências das mediações. Isto ocorre porque cada pessoa possui uma cultura, um modo de viver, bem como experiências e opiniões diferentes, gerando, assim, um sentido distinto para cada indivíduo.

Assim, durante o decorrer de cada entrevista, percebeu-se o que não foi abordado. Além disso, foram encontradas divergências e semelhanças entre as respostas. Os mesmos entrevistados que afirmaram que aprenderam com a reportagem, também questionaram sobre a abordagem e sobre o objetivo do programa.



A primeira entrevistada, S.C. de 22 anos, mostrou que as dificuldades enfrentadas pelos moçambicanos, retratadas no vídeo, é uma realidade que está presente no seu dia-a-dia. Além disso, afirmou que muitos aspectos sobre a vida na capital do país deixaram de ser mostrados, como a falta de saneamento básico e o desordenamento das moradias. O estudante de engenharia mecânica naval, A.C. de 24 anos, também mostrou que a sua realidade é parecida com a veiculada no programa. E concorda com a falta de abordagem de aspectos relativos à vida na capital, como o problema do transporte público.

Já os estudantes J.A. e M.B, de 22 e 19 anos, respectivamente, afirmaram que a realidade mostrada no “Globo Repórter” não é a mesma deles. Principalmente no que diz respeito à falta de médicos, de água, sobre as condições precárias de vida, etc. Eles concordaram com o que foi veiculado no programa, no entanto, destacam que a realidade mostrada no programa faz parte, apenas, de uma parcela da população. Os acadêmicos de engenharia informática, A.D. de 21 anos, e economia, A.N. de 22 anos, foram os entrevistados que mais questionaram a abordagem, afirmando que houve falta de aprofundamento em muitos temas, principalmente no que diz respeito ao modo de vida em Moçambique, de modo geral.

Martín-Barbero (1997) crê que a mensagem enviada pelo meio de comunicação pode ser interpretada de diversas maneiras, isto se deve ao fato de que as pessoas, ao receberem uma informação, elas a reinterpretem, de acordo com os seus conhecimentos prévios sobre o assunto, experiências vividas; ou fatores sociais, culturais e econômicos. Portanto, através do presente estudo de recepção, a pesquisadora pôde perceber o contexto social de cada entrevistado, além dos aspectos econômicos e culturais da realidade de cada um deles.

6. CONCLUSÕES

A televisão possui o grande poder de mostrar ao telespectador notícias sobre sua realidade, além de informar sobre assuntos que se distanciam do contexto social no qual eles vivem. O telespectador tem o poder de filtrar estas informações através das mediações.

Neste estudo foi levado em conta que, cada entrevistado, possuía um diferenciado contexto social, econômico e cultural. Desta forma, através das perguntas



realizadas, foi possível conhecer sobre a realidade na qual cada um vivia e de que forma ela se relacionava aos aspectos mostrados no programa.

As relações estabelecidas, entre o que foi tratado no programa e o contexto em que se encontram os membros da AISEC, foram de que, cada um deles, possui um modo de vida diferente. Enquanto alguns afirmaram que o que foi veiculado faz parte do seu dia-a-dia, ou que esta realidade consegue ser visualizada no meio em que vive; outros afirmam que tudo que foi visto no programa é novo. Além disso, afirmam que na realidade a qual eles vivem, problemas como a pobreza, falta de água, falta de médicos, entre outros, não está presente.

Enquanto quatro entrevistados eram naturais de Maputo, outros dois eram da região central. Estes dois entrevistados, em específico, mostraram opiniões contrárias ao que foi veiculado sobre esta região. Eles afirmaram que o que foi mostrado não é realidade de uma grande parcela da população residente naquela região, concluindo assim que, apesar dos entrevistados concordarem com o que foi veiculado no programa, eles mostraram que o Globo Repórter poderia aprofundar certos assuntos, como o modo de vida de outras parcelas da população, e mostrar que o país não possui somente pessoas pobres.

Os estudos de recepção midiática, com o enfoque no que é veiculado sobre Moçambique, possui um grande campo a ser explorado. Isto ocorre porque cada programa, devido a sua linha editorial, dá um enfoque diferente aos temas relativos ao país. Além disso, a cada grupo de entrevistados uma nova percepção é criada, devido às mediações presentes em cada contexto social. A partir deste trabalho, o pesquisador crê que, ao aplicar o mesmo roteiro de pesquisa com outro grupo de pessoas, mais velhas e com um grau de escolaridade diferente, ele irá receber respostas totalmente diferentes, que contribuirão ainda mais para o desenvolvimento de pesquisas na área de comunicação em Moçambique e no Brasil.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Tradução de Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

DANTAS, José Guibson Delgado. **Teoria das Mediações Culturais: uma Proposta de Jesús Martín-Barbero para o Estudo de Recepção**. In: X Congresso de Ciências da Comunicação da Região Nordeste - Intercom Nordeste, São Luís, Maranhão, 2008. Disponível em: <www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2008/.../R12-0015-1.pdf> Acesso em 12 dez. 2013.



DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2ª ed. 5ª reimpr. São Paulo: Atlas, 2011.

DONINI, Adriana. **A Contribuição das Mediações expostas por Martín-Barbero aos Estudos de Recepção e Experiência na Aplicação dos Conceitos**. In: XVI Colóquio Internacional sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação, UNESP, 2012. Disponível em: < http://www2.faac.unesp.br/celacom/anais/Trabalhos%20Completos/GT3%20-%20Leitura%20das%20Ideias%20Comunicacionais/40.Adriana%20Donini_A%20contribuicao%20das%20mediacoes.pdf > Acesso em 12 dez. 2013.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Os Estudos Culturais. **Revista Famecos**, 2006. Disponível em: < http://www.pucrs.br/famecos/pos/cartografias/artigos/estudos_culturais_ana.pdf > Acesso em 10 dez. 2013.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografias dos estudos culturais** – Uma versão latino-americana/ Ana Carolina D. Escosteguy – ed. on-line – Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

GLOBO, Memorial. Globo Repórter. Disponível em: < <http://memoriaglobo.globo.com/institucional/cronologia/1973/estreia-globo-reporter.htm> > Acesso em 17 jan. 2014.

JACKS, Nilda; JOHN, Valquiria Michela; SILVA, Lourdes Ana Pereira. Estudos de recepção no Brasil: panorama da última década. In: **XXI COMPÓS: JUIZ DE FORA - MG**, 2012. Disponível em: < http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1935.doc > Acesso em 10 dez. 2013.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: Comunicação, Cultura e Hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MENDES, Conrado Moreira. **O falar do Jornal Nacional: produção e recepção de um sotaque de natureza ideológica**. Belo Horizonte, 2006. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/mendes-conrado-o-falar-do-jornal-nacional.pdf> > Acesso em 12 dez. 2013.

MOÇAMBIQUE 35, Gestão de Projectos. **Moçambique 35 anos – Rumo ao Futuro**. Agência Nacional ISBN - Maputo, Moçambique, 2010.

PIMENTEL, Camila Filgueiras. **Os modos de endereçamento do Globo Repórter**. Universidade Federal da Bahia, 2006. Disponível em: < http://telejornalismo.org/wp-content/uploads/2010/05/TCC-Camila-Pymentel_2006_Globo-reporter.pdf > Acesso em 18 jan. 2014.

PONTUAL, J.F. Reportagem e documentário em Globo Repórter. In: KAPLAN, Sheila e REZENDE, Sidney (orgs). **Jornalismo eletrônico ao vivo**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 95-105.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal – o que é mesmo documentário?** São Paulo: Senac, 2008.

REDE GLOBO, Site. Disponível em: < http://comercial.redeglobo.com.br/programacao_reportagem/globoreporter_intro.php > Acesso em 18 jan. 2014.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus Editorial, 2000.